



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18035 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

Afroinfância: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS AFROCÊNTRICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Caroline Silva de Jesus - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

AFROINFÂNCIA: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS AFROCÊNTRICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1 PRIMEIRAS SEMENTES

Durante a formação de educadores (as), poucos currículos abordam o corpo e a subjetividade da criança negra a partir de uma perspectiva africana. Com frequência, a criança negra é vista através das lentes do racismo, da colonização e da escravização, fatores que podem impactar negativamente a experiência educacional dos futuros professores e professoras e, conseqüentemente, das crianças negras. Muitas vezes, tenta-se encaixar essas crianças em um modelo de ensino universal, visando minimizar os danos causados por manifestações racistas em sua subjetividade. No entanto, essa abordagem não reflete as ricas experiências africanas e afrodiaspóricas na educação, resultando em uma tentativa de ajustá-las a um modelo pedagógico eurocêntrico.

Face a esse contexto, em 2017 é criado o projeto de pesquisa-formação Afroinfância, uma comunidade virtual que busca ser uma alternativa a um cenário

formativo de ausência de debates consistentes sobre questões raciais na infância, ancorando-se no paradigma afrocêntrico e constituindo-se em um espaço formativo para profissionais de educação que atuam, principalmente na Educação Infantil. O Afroinfância, embora nascido do cotidiano escolar e das dinâmicas que emergem desse ambiente, encontrou nas redes sociais, especialmente no *Instagram*, um espaço fértil para a partilha de saberes pedagógicos afrocênicos. Essas experiências desafiam as práticas educativas hegemonicamente reproduzidas pelas escolas que, muitas vezes, limitam a vivência da criança negra à dor. Em vez disso, busca-se promover uma educação que celebra e potencializa a identidade e a cultura negras, mostrando suas infinitas possibilidades e contribuições.

O presente texto se conecta a uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, e discute conceitos relacionados a afrocentricidade, bem como os caminhos traçados para entender como as narrativas pedagógicas afrocênicas estão sendo construídas na Educação Infantil. Diante disso, essa pesquisa pretende responder a seguinte questão: De que forma o projeto Afroinfância tem contribuído com experiências pedagógicas de professoras da Educação Infantil de São Francisco do Conde/ Bahia? Mediante tal indagação, essa proposta tem como objetivo geral o interesse em compreender como o projeto Afroinfância produz experiências pedagógicas na Educação Infantil, no que tange a perspectiva africana de educação, por sua vez, tem como objetivos específicos: apresentar o percurso do projeto Afroinfância, enquanto prática pedagógica e comunidade virtual com foco na formação de professores em perspectiva afrocêntrica; Identificar experiências pedagógicas de docentes da Educação Infantil, a partir das suas narrativas; Discutir a concepção e princípios de Afroinfância nas experiências pedagógicas.

2 À SOMBRA DO BAOBÁ: AFROCENTRICIDADE E O PROJETO AFROINFÂNCIA

Através da escravização, colonização e do racismo, pessoas negras ao redor do mundo foram distanciadas de suas raízes culturais, obrigadas a reconstruir suas identidades a partir dos fragmentos deixados pelos antepassados. No Brasil, esse processo foi particularmente cruel, com muitos símbolos africanos sendo renegados em favor de uma narrativa que reforçava a suposta superioridade branca.

A educação formal, em grande parte, perpetuou essas distorções, oferecendo às

crianças negras, em particular, uma visão de mundo onde a história e as contribuições africanas eram invisibilizadas ou retratadas de maneira inferiorizada (CONCEIÇÃO, 2012). Atentemo-nos também aos currículos, pois eles podem reproduzir ideologias baseadas em princípios e epistemologias eurocêntricas. Antes da implementação da Lei 10.639/03, Cidinha da Silva (2001) já havia afirmado que existia uma ausência de conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira e à história dos povos africanos no período anterior ao sistema escravocrata. Apesar de várias tentativas de inclusão desses conteúdos, a falta de formação dos educadores representava uma limitação significativa. Com a Lei 10.639/03, esses conteúdos tornaram-se obrigatórios, mas ainda enfrentam obstáculos para sua implantação em muitas escolas. Dessa forma, as escolas continuam a expandir a ideologia do embranquecimento por meio dos currículos, desprezando os conhecimentos produzidos pelo continente africano.

Nesse contexto, o Projeto Afroinfância, criado em 2017, emerge como uma iniciativa que alinha-se diretamente com os princípios afrocentrados. Utilizando o Instagram como ferramenta tecnológica, o Afroinfância tornou-se um espaço de pesquisa e formação onde educadores e educadoras de diferentes regiões do Brasil, em especial São Francisco do Conde, podem compartilhar saberes, experiências e metodologias relacionadas à educação das relações raciais. Mas é importante salientar que o projeto não se limita a fornecer conteúdos prontos ou receitas pedagógicas; ao contrário, ele busca fomentar uma reflexão sobre a práxis docente e a inserção de narrativas afrocêntricas na Educação Infantil.

O Afroinfância propõe uma reorientação epistemológica baseada na afrocentricidade, em que as crianças têm acesso a uma história contada a partir da perspectiva dos povos africanos e afro-diaspóricos, fundamentada em seus próprios valores e princípios. Isso contrasta com a narrativa desumanizadora à qual estávamos acostumados, que nega todo o arcabouço de tradições africanas, retratando o continente africano como um único país, ignorando sua vasta geografia e a multiplicidade de povos, culturas e línguas, ou limitando a história africana apenas ao período da escravidão.

A afrocentricidade, enquanto paradigma foi sistematizada pelo professor Molefi Kete Asante em 80, nos Estados Unidos, tomando como referência teorias formuladas por Abdias do Nascimento, com o quilombismo, o pan africanismo e o nacionalismo negro. No cerne do paradigma afrocêntrico encontra-se a ideia de que “as pessoas africanas devem operar como agentes autoconscientes, não mais satisfeitos em ser definidos e manipulados de fora” (Mazama. 2009, p.111).

Molefi Kete Asante afirma que ser negro significa se opor a todas as formas de

opressão, incluindo racismo, classismo, homofobia, patriarcado, abuso infantil e dominação racial (Asante, 2014, p. 03). Portanto, ser negro é trabalhar para construir um outro modelo possível de vida, considerando que a sociedade ocidental vive sob a égide de um projeto de civilização globalista (Santos, 2001). Esse projeto tende a marginalizar tudo e todos que não se encaixam dentro de um padrão hegemônico de sociedade, exceto aqueles que, com muitas ressalvas, conformam-se com um lugar de não protagonismo e subserviência por meio da assimilação cultural e da negação da sua essência.

Escolhemos o lugar da agência e, conseqüentemente, do protagonismo docente como princípios fundantes do trabalho com professores e professoras da educação infantil. Assim como a afrocentricidade, que defende a centralidade dos interesses e perspectivas africanas, o Afroinfância se compromete também com a promoção de uma educação que respeita a diversidade e coloca o protagonismo negro como central. partindo do princípio de que a educação deve ser uma prática coletiva, reflexiva e enraizada nas tradições e valores culturais africanos. Ao proporcionar um espaço para a troca de experiências e a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, o Afroinfância contribui para a formação de educadores/as que são não apenas transmissores de conhecimento, mas também agentes conscientes de transformação social.

2.1 Proposta metodológica da pesquisa

A pesquisa será constituída por narrativas das experiências pedagógicas que se enredam com os modos como os (as) professores (as) da rede municipal de ensino de São Francisco do Conde/ Ba experimentam a docência em sua conexão com as práticas afrocêntricas construídas a partir do projeto Afroinfância e seus princípios afrocentrados.

A escolha de São Francisco do Conde como locus da pesquisa é fundamentada em vários aspectos. Primeiro, a cidade está localizada no Recôncavo Baiano e tem uma população predominantemente negra, o que a torna um cenário relevante para o estudo das práticas pedagógicas afrocêntricas. Segundo, é no município onde a idealizadora do projeto atua diretamente, o que permite um contato direto com as práticas educacionais.

Assim, para a colheita de dados vinculamos este projeto a perspectiva das pesquisas narrativas no campo, procurando notabilizar como estão configurados os (as) docentes em sua subjetividade, nas relações que estabelecem na escola, no seu fazer pedagógico em torno

das questões étnico-raciais e, ao mesmo tempo, promover oportunidades de reflexão e construção de autorias pedagógicas. E essa perspectiva de pesquisa “toma a linguagem como espaço de formação e permite ao pesquisador revelar o contexto sóciohistórico de constituição subjetiva dos sujeitos”. (Silva, Rios e Nuñez, 2018, p. 05).

Nesse cenário, Silva, Rios e Nuñez (2018, p.21) apontam que “a investigação (auto) biográfica em educação implica um olhar sobre situações e experiências educativas, na vida que se vive, como parte do viver”. Buscando olhar para as experiências educativas, o projeto ancora-se na compreensão da perspectiva africana sobre experiência como lugar de produção de saberes e memórias ancestrais. Para a condução desta pesquisa, selecionamos a participação de oito professoras (es) negras (os) que atuam em creches e pré-escolas da rede municipal de São Francisco do Conde/ Bahia. Esse número foi cuidadosamente escolhido para garantir a viabilidade do cronograma do projeto e a profundidade das análises propostas. A escolha dessas educadoras se alicerça em uma base epistemológica que valoriza a agência negra, conforme os princípios do paradigma afrocêntrico.

Para atingir os objetivos deste projeto, utilizaremos as rodas de conversa e entrevistas narrativas como parte do processo de construção de narrativas afrocentradas. De acordo com Bauer e Gaskell (2008), as entrevistas narrativas têm em vista uma situação em que encorajem e estimulem um entrevistado (que na EN é chamado de "informante") a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Os referidos autores afirmam que diante das análises, "as narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e espaço." (p. 110).

O contato inicial com as docentes será feito por formulários digitais para coletar informações sobre seus conhecimentos em Educação Infantil Afrocêntrica e suas conexões com o Projeto Afroinfância. Esses dados orientarão a seleção de professoras que atuam na Educação Infantil de São Francisco do Conde, desenvolvem práticas pedagógicas afrocêntricas, e estejam dispostas a participar da pesquisa e contribuir com o processo de (auto) formação e registro de suas experiências.

Em um contexto africano, a arte de contar histórias é considerada como um importante valor civilizatório, uma vez que muitos dos conhecimentos produzidos e acumulados por africanos foram transmitidos através da memória e oralidade. A respeito disso, o grande pensador Hampâté Ba:

“A memória das pessoas da minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita é de uma fidelidade e de uma precisão

prodigiosas. Desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até as roupas. (...) Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente.” (2010, p. 13)

No contexto desta pesquisa e metodologia, as narrativas autobiográficas serão empregadas como uma abordagem qualitativa para produção de dados e obter detalhes sobre a vida e experiências das pessoas. Essas narrativas podem ser obtidas através de entrevistas, questionários abertos ou diários pessoais, e serão analisadas para compreender como as professoras da Educação Infantil em Salvador e São Francisco do Conde desenvolvem suas práticas pedagógicas em diálogo com a educação afrocêntrica. Além disso, utilizando ferramentas autobiográficas, narraremos a trajetória do projeto Afroinfância, desde sua criação até o estágio atual de desenvolvimento.

A análise, portanto, se fará em meio a movimentos colaborativos e construídos ao longo do processo circunscrito na proposta metodológica, buscando compreender os contornos das experiências pedagógicas afrocêntricas dos (as) professores (as), os processos de reflexão em torno de suas práticas, saberes, cotidiano escolar, formação, as dimensões de impacto do Afroinfância na constituição das suas ações educativas, impulsionando caminhos que contribuam tanto para entender melhor a vida que se faz na escola, quanto para transformá-la por meio de novos saberes, discursos e formas de pensamento pedagógico.

As narrativas dessas (es) professoras (es) são vistas como elementos fundamentais que não apenas contribuirão significativamente para as pesquisas afrocêntricas no Brasil, mas também expandirão o entendimento e as abordagens desenvolvidas por pessoas negras em diversas áreas de atuação. Essas contribuições são essenciais para enriquecer o campo educacional e promover uma compreensão mais profunda das experiências e saberes afrodiaspóricos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afrocentricidade é uma abordagem teórica e filosófica que coloca as culturas, valores e experiências das pessoas de ascendência africana no centro da análise. Essa perspectiva surge como uma resposta necessária para confrontar práticas pedagógicas que, historicamente, ignoraram ou distorceram as contribuições culturais e intelectuais africanas.

No campo da educação, a afrocentricidade oferece uma alternativa que recentra as narrativas africanas e afro-diaspóricas, reposicionando-as como pilares fundamentais do conhecimento e da formação identitária.

Entendemos que o projeto Afroinfância, ao se ancorar no paradigma afrocêntrico, busca construir uma nova narrativa sobre a África e sua diáspora, além de repensar as formas de conceber e praticar a educação. Essa abordagem pode confrontar as práticas vigentes e colaborar com a construção de novas práticas, pensamentos e reflexões.

Assim, o projeto busca contribuir para a perpetuação do legado africano e afro-diaspórico dentro das escolas, especialmente na Educação Infantil, e fortalecer o debate em torno de uma educação mais diversa, no que diz respeito à construção de currículos, metodologias e epistemologias.

Palavras chave: Afrocentricidade, narrativas auto(biográficas), Afroinfância

REFERÊNCIAS

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: A teoria de Mudança Social. Trad. Ana Ferreira & Ama Mizani. Philadelphia, direitos reservados por Afrocentricity International, 2014.

BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som - um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CONCEIÇÃO, Jorge. **Negritude: do espelho quebrado à identidade autêntica**. Salvador: Vento Leste, 2012.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 111-127.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2000.

SILVA, Maria Aparecida (Cidinha) da. **Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 65-82.

SILVA, Fabrício Oliveira da; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; NUÑEZ, Joana Maria Leôncio. **Diversidade na formação inicial de professores: experiências do cotidiano escolar no PIBID**. In: Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 3-22, jan.-jun. 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito>. Acesso em: 08/11/2020.

